

FUNDAMENTOS CRISTÃOS

Por *Constantino Ferreira*

INTRODUÇÃO

Qualquer edificação tem de possuir fundamentos sólidos a fim de resistir às intempéries a que está sujeita. Como Jesus referiu: “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente, que edificou a casa sobre a rocha. Mas todo aquele que ouve estas minhas palavras, e não as põe em prática, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.” (Mt 7.24,26).

E Abraão peregrinou pela fé na terra da promessa “porque esperava a cidade que tem os fundamentos, da qual o arquitecto e edificador é Deus.” (Hb 11.10). Essa Cidade de Deus tem fundamentos sólidos e valiosos como pedras preciosas: “Os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo safira; o terceiro calcedónia; o quarto esmeralda; o quinto sardónica; o sexto sárdio; o sétimo crisólito; o oitavo berilo; o nono topázio; o décimo crisópraso; o undécimo jacinto; o duodécimo ametista.” (Ap 21.19,20).

Seguem-se alguns itens que são os valiosos fundamentos cristãos, componentes da sólida edificação do povo de Deus sobre a Rocha que é Cristo para morada de Deus em Espírito.

I. ARREPENDIMENTO

Enquanto João pregava, preparando o caminho para o Messias, muitas pessoas respondiam ao seu apelo e pediam o baptismo. Mas ele exigia deles a manifestação de sinais de arrependimento. Então, todos perguntaram: “Que faremos?” Vamos observar as respostas de João a cada classe de pessoas.

1. “Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos que faça da mesma maneira” (Lc 3.11). Aqui, notamos que o primeiro sinal de arrependimento é amor. Amar ao próximo como a nós mesmos é mandamento do Senhor. A pessoa que se arrependeu sinceramente está disposta a mudar de vida para ser uma nova criatura em Cristo (2 Co 5.17). Assim como Cristo prova o seu amor por nós dando a sua vida na cruz, também nós provamos o amor aos irmãos dando a vida por eles, 1 Jo. 3.16. As obras realizadas em favor dos outros são a prova do verdadeiro arrependimento e da genuína fé (Tg 2.15-17). O arrependido não fica insensível às necessidades do próximo. Portanto, arrependimento é mais do que sentir pesar. É mudança de atitude em relação ao pecado e mudança de vida. O amor não prejudica, só edifica.

2. “Não peçais mais do que aquilo que vos está ordenado” (Lc 3.13). Notamos que o segundo sinal de arrependimento é justiça. Justiça é reconhecer os direitos dos outros e cumprir os nossos deveres. As pessoas que se arrependem deixam de prejudicar e começam a ajudar. Não usam dois pesos e duas medidas nos seus negócios porque isso é abominável ao Senhor.

Lucas relata o encontro dum funcionário público israelita com Jesus, do qual resultou o arrependimento daquele. Visto ser cobrador de impostos ao serviço de Roma, Zaqueu fazia o seu salário por percentagem. Mas, não se contentando com o estabelecido por lei sobrecarregava os contribuintes com impostos mais pesados. Durante o encontro com o Senhor foi convencido do pecado e fez confissão do seu arrependimento: “Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém o restituo quadruplicado” (Lc 19.8). Zaqueu reconheceu o direito dos outros e dispôs-se a cumprir os seus deveres. Perante esta atitude Jesus declarou a salvação na sua casa. A justiça não prejudica, só edifica.

3. “A ninguém trateis mal, nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso salário” (Lc 3.14). O terceiro sinal de arrependimento é paz. A paz é uma característica de vida nova com Cristo. Primeiro, experimentamos a paz interior como resultado de justificação (Rm 5.1). Logo, a pessoa arrependida procura viver em paz com todos, pois é também um sinal visível do reino de Deus (Rm 14.17,19).

Jesus, apresentando a ética do reino de Deus, ensinou o seguinte: “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizeis aos que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus; porque faz que o Seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos” (Mt 5.44,45).

Por conseguinte, os sinais de verdadeiro arrependimento são amor, justiça e paz. Estas características devem acompanhar o arrependimento e a fé. Sem elas ninguém pode agradar a Deus, nem provar a sua fé. Deus concedeu-nos o Espírito Santo para nos ajudar a viver desta maneira.

II. FÉ EM CRISTO

A nossa vida natural é composta por etapas de fé. Comemos confiando nos alimentos, dormimos confiando acordar, trabalhamos confiando no respectivo pagamento, viajamos confiando chegar ao local previsto, etc. Assim é também na vida espiritual. O cristão vive pela fé, age por fé, e recebe as bênçãos divinas pela fé. Nada se recebe sem fé; assim como ninguém pode agradar a Deus sem fé (Hb 11.6).

Primeiramente, fé é confiar no carácter imutável de Deus, que é santo, justo e bom. Jamais nega bem algum àqueles que O ama. Ele é fiel às suas promessas. A fé confia com Deus sobre os problemas pessoais na esperança de encontrar solução para os mesmos. O centurião romano confiava no poder de Jesus e procurou-o para confidenciar-lhe a necessidade do seu servo na esperança da cura. Para espanto de todos o jovem ficou sarado em resultado dum acto de fé do seu amo (Lc 7.1-9). Portanto, confie no carácter imutável de Deus e confidencie-lhe a sua necessidade.

Exemplos notáveis de fé encontram-se no capítulo onze de Hebreus, considerado a galeria dos heróis da fé. O versículo um ensina que a fé é permanecer firme na esperança de alcançar as coisas que se não vêem. Fé é ver com olhos espirituais o que os olhos físicos não podem ver. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Paulo declarou o seguinte: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos serás salvo” (Rm 10.10).

Fé é confiar em Deus como provedor. O capítulo vinte e dois de Génesis relata-nos um grande exemplo de fé. Abraão sabia que Deus providenciaria o cordeiro para o sacrifício e disse aos cri-

ados: “Ficai aqui com o jumento, eu e o moço iremos até ali, e havendo adorado tornaremos a vós” (Gn 22.5). Quando Isaque perguntou ao pai pelo cordeiro para o sacrifício este respondeu: “Deus proverá para Si o cordeiro para o holocausto, meu filho” (Gn 22.8). E quando estava preparado para sacrificar o seu filho ouviu uma voz pedindo que não fizesse aquilo. Em virtude da sua obediência e da sua fé, olhando, viu um cordeiro preso num arbusto o qual sacrificou em lugar de Isaque. Depois chamou o nome daquele lugar Yahweh Jiré, que significa “o Senhor proverá”, em memória daquela resposta a um acto heróico de fé.

A fé arrisca-se por coisas difíceis como Abraão, porque o que é impossível aos homens é possível a Deus. Paulo confia nas riquezas do seu Deus para suprir as necessidades dos crentes que haviam contribuído com as suas ofertas enquanto ele estava na prisão em Roma (Fl 4.19). Então, a fé confia na provisão de Deus nos momentos difíceis.

A fé descansa no amor de Deus, porque Deus prova o Seu amor por nós na morte de Seu Filho. Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu amado filho por nós na cruz. Este é o amor sacrificial chamado “agape”, o amor da entrega (Jo 3.16). E, se Deus nos deu o Filho como nos não daria por ele todas as coisas? (Rm 8.32).

A fé persevera na esperança como a mulher cananea, cuja fé foi honrada pelo Senhor (Mt 15.21-28). A fé é provada na obediência aos mandamentos de Deus, e qualquer coisa que lhe pedirmos dele a receberemos (1 Jo 3.22). Por conseguinte, podemos dizer que fé é confiar no carácter imutável de Deus, nas suas provisões e no seu amor para suprir as nossas necessidades por Jesus Cristo.

III. CONVERSÃO

Judá estava sofrendo uma terrível seca e uma grande praga de gafanhotos que deixavam o povo na desgraça. Perante este facto, Joel levanta-se e convida-os a converterem-se a Deus a fim de ser alterada a situação e voltarem a receber as bênçãos do Senhor. Observemos o convite do Senhor ao seu povo no livro de Joel 2.12-19. Deus sempre aborreceu a idolatria e já não apreciava o rasgar das vestes em lamentação (v.13).

O Senhor aprecia mais o coração quebrantado do seu povo do que sacrifícios físicos (Sl 34.18). O salmista expressou-se assim: “Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus” (Sl 51.17). Por isso, Deus convida o povo ao arrependimento sincero, com manifestação de quebrantamento e sentimento de pesar acompanhado de mudança de atitude em relação ao pecado.

Deus convida o povo à conversão sincera desta forma: “Convertei-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, e com choro, e com pranto. E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque ele é misericordioso e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência” (Jl 2.12,13). Conversão significa voltar em sentido oposto, deixar a idolatria e a desobediência e voltar para Deus obediente (Ez 14.6). Conversão é deixar os maus caminhos e tomar o caminho de Deus (Is 55.7). Conversão é voltar para Deus e fazer a sua vontade (Mt 6.10; 7.21).

As pessoas devem deixar a idolatria e os maus caminhos para fazerem a vontade Deus. Porque o Senhor promete as bênçãos do céu ao povo convertido. Porque Ele fará cair a chuva necessária para tornar os campos férteis (Jl 2.23,24). Porque Ele derramará do seu Espírito sobre todas as

peessoas a fim de serem novas criaturas (v. 28). Deus é fiel para cumprir as suas promessas. O salmista exprimiu-se assim: “Para sempre, ó Senhor, a Tua Palavra permanece no céu. A Tua fidelidade estende-se de geração a geração; Tu firmaste a terra e firme permanece” (Sl 119.89,90). Podemos confiar que receberemos o que pedimos se fizermos o que lhe é agradável.

Por conseguinte, quando as pessoas se convertem a Deus receberão as suas promessas. Ele cumprirá a Sua Palavra se nós também cumprirmos conforme lemos em 2 Crônicas 7.13,14: “Se eu cerrar os céus e não houver chuva, ou se ordenar aos gafanhotos que consumam a terra, ou se enviar a peste entre o meu povo; e se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus e perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.”

IV. JUSTIFICAÇÃO

Os tribunais estão repletos de processos para os quais os seus autores esperam justiça. E justiça é o acto pelo qual se justifica alguém fundamentado na razão. É o acto que declara justo alguém acusado de injustiça. Mas para chegar a este ponto é necessária a intervenção dum intermediário, o advogado. Do mesmo modo, a justificação dos pecadores contou com um intermediário, o advogado Jesus Cristo. Ele é a propiciação pelos pecados do mundo.

O pecado atingiu a todas as pessoas sem distinção. Ninguém pode fugir à acusação da lei, que declara pecadores a todas as criaturas (Rm 3.23). A Escritura diz que não há um justo, nem um sequer (Rm 3.10). E, qualquer acto transgressor da lei divina merece condenação divina (Dt 24.16). Visto que todos são pecadores todos merecem condenação (Rm 5.12). Deus não faz acepção de pessoas, não favorece classes sociais nem olha para as aparências. Ele é justo nos seus juízos.

Porém, assim como o pecado e a condenação vieram por um homem desobediente, também a justificação e o perdão vieram por um homem obediente (Rm 5.12). Jesus, que nunca pecou, tomou o nosso pecado e foi cravá-lo na cruz. O justo morreu pelos injustos, o santo deu a vida pelos pecadores. A morte de Cristo foi o cumprimento da lei por todos (Jo 19.30).

Deus provou o seu grande amor por nós na morte de seu Filho e fomos atingidos pela sua graça. Assim como a condenação atinge a todos sem distinção, também a graça de Deus atinge a todos sem distinção. A graça é o favor que Deus faz de justificar e perdoar a quem merece a condenação (Rm 3.24-26). E, a manifestação desta maravilhosa graça fundamenta-se no grande amor de Deus, que enviou o seu Filho para cumprir o que nos dizia respeito relativamente ao pecado (Tt 2.11).

Agora, a justificação é para todas as pessoas que crerem no valor do sacrifício de Cristo como seu substituto. Este valor só é atribuído àqueles que nele confiam (Rm 4.5). A exigência da fé dirige-se a todas as pessoas sem distinção. Ninguém será justificado pelas obras sem fé no sacrifício do cordeiro de Deus (Gl 2.16). Esta graça só pode ser recebida pela fé no sacrifício substitutivo de Cristo (Ef 2.8,9).

Deus declara justos aqueles que se arrependem e com fé voltam para Ele decididos a obedecer à sua Palavra. Considera-os como se nunca tivessem pecado porque Aquele que nunca pecou tomou o seu lugar na condenação (2 Co 5.21). A partir desse momento “não há mais condenação

alguma para os que estão em Cristo Jesus” (Rm. 8.1). Porque Ele não veio para condenar, mas para salvar os condenados (Jo 3.17). Agora, justificados pela fé ficamos em paz com Deus (Rm 5.1) e com direito à vida eterna (Jo 5.11,12).

Portanto, a Bíblia afirma que o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna por nosso Senhor Jesus Cristo. Quem crê nele não é condenado, mas quem não crê já está condenado. Portanto, crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e a tua família.

V. SANTIFICAÇÃO

Deus Criou-nos à Sua imagem e, por conseguinte, convida-nos à santificação. “Porque eu sou o Senhor vosso Deus; portanto santificai-vos e sede santos, porque eu sou santo;” (Lv 11:44). A explicação para a santidade é revelada pelo próprio Deus e encontra-se no versículo seguinte: “E sereis para mim santos porque eu, o Senhor, sou santo, e vos separei dos povos para serdes meus.” (Lv 20:26). Igualmente, santo será tudo o que for oferecido ao Senhor com está escrito: “E disse-lhes: Vós sois santos ao Senhor, e santos são estes vasos; como também esta prata e este ouro são ofertas voluntárias, oferecidas ao Senhor, Deus de vossos pais.” (Ed 8:28).

Santificação significa separar e consagrar para o serviço de Deus. (Êx 29.1). É na santidade que Deus concentra todo o Seu prazer. “Isto é o que lhes farás para os santificar, para que me administrem o sacerdócio.” (Êx 29:1). Os santos existem para louvar o santo nome de Deus. “Cantai louvores ao Senhor, vós que sois seus santos, e louvai o seu santo nome.” (Sl 30:4).

Os santos caracterizam-se pelo seu amor a Deus e pela Sua protecção. “Amái ao Senhor, vós todos os que sois seus santos; o Senhor guarda os fiéis e retribui abundantemente ao que usa de soberba.” (Sl 31:23). Os santos são reconhecidos pelo seu temor a Deus e pela respectiva provisão. “Temei ao Senhor, vós, seus santos, porque nada falta aos que o temem.” (Sl 34:9). “Pois o Senhor ama a justiça e não desampara os seus santos. Eles serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada.” (Sl 37:28).

Santificação é procurar ser imitador de Deus e viver de modo que a Sua soberana vontade seja feita, como está escrito: “Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como Cristo também vos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. Mas a prostituição, e toda sorte de impureza ou cobiça, nem sequer se nomeie entre vós, como convém a santos, nem baixaza, nem conversa tola, nem gracejos indecentes, coisas essas que não convêm; mas antes acções de graças.” (Ef 5.1-3).

Santificação é deixar o pecado e viver uma vida nova ao serviço de Deus. “Mas agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna.” (Rm 6:22). Paulo fornece-nos uma bela imagem da santidade ao dirigir-se à igreja de Corinto. “à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.” (1 Co 1:2).

Os santos vivem em amor porque é a maneira prática de imitar Deus. “como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor.” (Ef 1:4). Os santos estão em constante aperfeiçoamento para cumprirem o ministério da edificação mútua: “Ora, amados, visto que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.” (2 Co 7:1). “tendo em vista o

aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:12). Deste modo, santificação é o processo de restauração para haver uma nova criação que sirva e honre a Deus.

VI. BAPTISMO

O baptismo é uma prática antiga aplicado aos neófitos. Era sinal de iniciação do indivíduo na prática religiosa e servia como símbolo de integração no grupo a que se destinava. A primeira referência bíblica ao baptismo é para nos relatar a pregação de João Baptista seguida do baptismo de arrependimento. “Naqueles dias apareceu João, o Baptista, pregando no deserto da Judeia, dizendo: Arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus. Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto; Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.” (Mt 3.1-3). A partir deste referente a João, a Bíblia menciona ainda o baptismo de Jesus, e o baptismo dos apóstolos.

O baptismo de João era ministrado aos judeus que o procuravam no deserto para ouvir a sua mensagem de arrependimento. Ele declarava-lhes ousadamente o seu pecado e exigia-lhes uma conversão prática para anuir a baptizá-los. Uns confessavam os seus pecados e eram baptizados. A outros, porém, retrucava ele: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento...” (Mt 3.7,8). “Eu, na verdade, vos baptizo em água para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, que nem sou digno de levar-lhe as alparcas; ele vos baptizará em Espírito Santo e fogo.” (Mt 3.11).

O baptismo de Jesus foi efectuado neste contexto do deserto. É digno de nota o facto de João procurar escusar-se a baptizar Jesus pelo facto de não achar nele qualquer pecado. Porém, o Senhor, ainda que sem pecado, exigiu o cumprimento da justiça fazendo-se baptizar por João, ainda que este fosse menor. Encontramos neste facto uma grande lição de humildade e submissão daquele que era o maior e sem necessidade alguma de arrependimento nem confissão de pecados. Ele o fez para servir de exemplo a todos os seus discípulos na História da humanidade. Ninguém tem o direito de sentir desnecessário o seu baptismo, visto que, além do Senhor, não há um justo sequer, porque todos estão em pecado e sob o domínio do pecado.

Depois vem o baptismo dos apóstolos, assim chamado porque eles foram incumbidos de pregar o arrependimento e baptizar aqueles que aceitassem a sua palavra na disposição de continuarem a ser instruídos na doutrina dos apóstolos, como está escrito: “Portanto indo, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.” (Mt 28.19,20).

Ao celebrarem a Festa do Pentecostes, os discípulos reunidos esperavam ansiosos pelo cumprimento da promessa e, de repente, o Espírito Santo encheu toda a casa e começaram a louvar a Deus em outras línguas. O facto atraiu a multidão que, admirada, acusava os discípulos de estarem embriagados com mosto. Isto obrigou Pedro a dar uma explicação detalhada do acontecimento e rematou com as seguintes palavras: “Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse mesmo Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.” (At 2.36). Pedro acusou-os de terem humilhado Jesus, mas Deus exaltou-o soberanamente.

E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? Pedro então lhes respondeu: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.” (At 2.37,38). “De sorte que foram batizados os que receberam a sua palavra, e naquele dia agregaram-se quase três mil almas e perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.” (At 2.41,42).

O batismo significa que o candidato já se considera como morto para o pecado, mas vivo para Deus, conforme escrito por Paulo: “Ou, porventura, ignorais que todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.” (Rm 6.3,4). Por conseguinte, o batismo é um marco histórico da restauração, do recomeço para uma vida nova.

VII. DECLARAÇÃO DE FÉ

Um elemento básico na resposta da igreja às heresias era, à volta de 150 A.D., era “Símbolo da fé” mais tarde chamado “credo dos apóstolos”. A partir deste foram aparecendo outros mais elaborados com o mesmo alvo, afirmar a verdadeira igreja de Cristo. Um dos seus principais usos era no batismo. O candidato era instruído na doutrina da trindade, o qual, na hora do batismo, tinha de fazer confissão pública sob três questões:

Questionário Baptismal

Acreditas em Deus Pai Todo-Poderoso?

Acreditas em Cristo Jesus, o Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, e morreu, e ressuscitou ao terceiro dia, vivendo dentre os mortos, e ascendeu ao céu e sentou-se à direita do Pai, e voltará para julgar os vivos e os mortos?

Acreditas no Espírito Santo, na santa Igreja, e na ressurreição da carne?

Credo dos Apóstolos (Conhecido também como “Símbolo de fé”).

Creio em Deus, Pai Todo-Poderoso,
E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor,
Que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria,
Foi crucificado sob Pôncio Pilatos e foi sepultado;
Ao terceiro ressuscitou dentre os mortos,
Subiu ao céu e está sentado à direita do Pai;
De onde virá para julgar os vivos e os mortos.
Creio no Espírito Santo,
Na santa Igreja,
Na remissão dos pecados,
na ressurreição da carne, na vida eterna.

Credo de Niceia

(Elaborado a partir daquele no Concílio de Niceia em 325 A.D.)

Creemos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso,
criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis.
E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, unigénito do Pai,
da substância do Pai; Deus de Deus, Luz de Luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai;
por quem foram criadas todas as coisas que estão no céu ou na terra.
O qual por nós homens e para nossa salvação, desceu (do céu),
se encarnou e se fez homem.
Padeceu e ao terceiro dia ressuscitou e subiu ao céu.
Ele virá novamente para julgar os vivos e os mortos.
E (cremos) no Espírito Santo.
E quem quer que diga que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia,
ou que antes que fosse gerado ele não existia,
ou que ele foi criado daquilo que não existia,
ou que ele é de uma substância ou essência diferente (do Pai),
ou que ele é uma criatura, ou sujeito à mudança ou transformação,
todos os que falem assim, são anatematizados pela Igreja Católica e Apostólica.

VIII. SANTA CEIA

O fundamento da prática da Santa Ceia encontra-se na celebração da Páscoa no Egito. Este foi o processo revelado por Deus para Moisés conseguir libertar os israelitas da escravidão a que estavam sujeitos após a morte de José (Êx 12). Esta refeição familiar era o reflexo do passado, do presente e do futuro de Israel, e a festa nacional da liberdade conseguida pela morte de um cordeiro em cada casa.

E esta era a instrução para a dita celebração anual por todas as famílias: “Toda a congregação de Israel a observará. Quando, porém, algum estrangeiro peregrinar entre vós e quiser celebrar a páscoa ao Senhor, circuncidem-se todos os seus varões; então se chegará e a celebrará, e será como o natural da terra; mas nenhum incircunciso comerá dela. Haverá uma mesma lei para o natural e para o estrangeiro que peregrinar entre vós.” (Êx 12:47-49).

Jesus antecipou-se a celebrar a Páscoa com os discípulos a fim de poder estar livre para o seu próprio sacrifício como Cordeiro de Deus e levar o pecado do mundo. A celebração da Páscoa comemorava a redenção do povo israelita, a sua saída do Egito pela liderança de Moisés com a orientação de Deus. O nome provém do hebraico que significa passar por cima. O anjo do Senhor passou por cima das casas marcadas com sangue, enquanto nas outras acontecia a morte do primogénito. A liturgia da Páscoa judaica incluía pão, cordeiro, ervas amargas, copos para vinho segundo os elementos da família, acções de graças e cânticos nos Salmos 113 a 118.

No tempo de Jesus a liturgia seguia esta ordem: Na mesa eram colocados previamente todos os elementos necessários à celebração. Em seguida, todos os membros da família se sentavam reclinados à mesa para celebrar a Páscoa. Depois, enchiam-se os copos com dois terços de água e um de vinho sem lhes tocarem. Cada membro da família tinha direito a quatro copos de vinho misturado com água. Então, o chefe de família pronunciava as graças conforme iam comendo e bebendo.

do, cujo fundamento teológico se encontra em Êxodo 6.6,7, relacionado com as promessas de Deus, que diz:

“Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou Jeová; eu vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, livrar-vos-ei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos. Eu vos tomarei por meu povo e serei vosso Deus; e vós sabereis que eu sou Javé vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios.”

O primeiro copo era chamado o cálice da santidade. A oração de abertura, feita sobre o primeiro copo de vinho, era a acção de graças pelo dia festivo da libertação. Tomando um copo nas suas mãos, o chefe de família elevava-o dizendo: “Abençoado sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da vide”. Lavavam as mãos, comiam ervas amargas recordando os tempos amargos passados no Egito e bebiam o vinho.

O segundo copo era chamado o cálice da instrução. Nesta ocasião festiva era feita a narrativa anual aos filhos sobre os acontecimentos que libertaram o povo do Egito pela mão de Moisés, conforme ordenado em Êxodo 12.26,27. Aí cantavam o pequeno Hallel, que é o Salmo 113. Do mesmo modo, a Santa Ceia dos cristãos deve servir de instrução sobre a obra de Cristo para nos libertar da escravidão do pecado.

O terceiro copo era chamado o cálice da redenção. Este foi o cálice referido pelo Senhor como símbolo do seu sangue. Neste momento da ceia o chefe tomava o pão nas mãos e dava graças dizendo: “Abençoado sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que extrais o pão da terra”. Então, partiam com as mãos um pequeno pedaço de pão e comiam os elementos da ceia. Neste momento Cristo disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Depois, tomando um cálice, deu graças e deu-lho dizendo: Isto é o meu sangue, o sangue do novo pacto, fazei isto em memória de mim.

O quarto copo era chamado o cálice da esperança. Era o copo final, o cálice da alegria, tomado no final da refeição como nós tomamos o último copo num casamento. Foi este cálice que Jesus disse que não beberia até que venha o Reino de Deus e possa bebê-lo com a sua noiva. Ou, doutra maneira: “Até àquele dia em que o beber novo no Reino de Deus”. No final cantavam o grande Hallel, os Salmos 114 a 118. A refeição terminava com acção de graças por um deles e o amém por todos.

A Páscoa dos cristãos substitui o cordeiro pelo pão e o sangue pelo vinho, símbolos vivos consagrados pelo Senhor para recordar a Sua memória até que volte. Lucas escreveu as palavras de Jesus acerca deste facto: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta páscoa antes da minha paixão... E tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.” Semelhantemente, depois da ceia tomou o cálice dizendo: Este cálice é o novo pacto no meu sangue, que é derramado por vós.” (Lc 22.18-20).

Depois, perseveraram na celebração pascal conforme o Senhor lhes tinha aconselhado. Porém, a festa foi transferida para o primeiro dia da semana devido à ressurreição daquele que estivera morto. Conforme está escrito: “No primeiro dia da semana Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra fora removida do sepulcro.” (Jo 20.1)... “Chegada, pois, a tarde, naquele dia, o primeiro da semana, e estando os discípulos reunidos com as portas cerradas por medo dos judeus, chegou Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco.” (Jo 20.19).

Lucas revela-nos que a cerimónia de partir o pão acontecia no primeiro dia da semana: “No primeiro dia da semana, tendo-nos reunido a fim de partir o pão, Paulo, que havia de sair no dia seguinte, falava com eles, e prolongou o seu discurso até a meia-noite.” (At 20.7). E Paulo deu instruções para que no primeiro dia da semana os cristãos separassem uma oferta para os pobres: “Ora, quanto à colecta para os santos, fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galileia. No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder, conforme tiver prosperado, guardando-o, para que se não façam colectas quando eu chegar.” (1 Co 16.1,2).

IX. ALIANÇA DE CRISTÃOS

Amamo-nos uns aos outros, conforme o exemplo do Senhor: “Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros... Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu.” (1 Jo 4.11,20). Por conseguinte, nós

Amamo-nos mutuamente, conforme a natureza de Deus, segundo as Escrituras: Amados, amemo-nos uns aos outros porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece Deus, porque Deus é amor. (1 Jo 4.7,8). “Ninguém jamais viu Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor é em nós aperfeiçoado. Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele em nós, por nos ter dado do seu Espírito.” (1 Jo 4.12,13).

Buscamos a justiça de Deus, segundo as Escrituras: “... buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” (Mt 6.33). “Se sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.” (1 Jo.2.29). “Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça.” (2 Tm 3.16).

Buscamos a paz e seguimo-la, como filhos de Deus: “Bem-aventurados os pacificadores porque eles serão chamados filhos de Deus.” (Mt 5.9). “Se for possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens.” (Rm 12.18). “Assim, pois, sigamos as coisas que servem para a paz e as que contribuem para a edificação mútua.” (Rm 14.19). “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. (Hb 12.14).

Buscamos o fruto do Espírito, como santos: “Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade.” (Gl 5:22). “Mas agora, libertos do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna.” (Rm 6:22). “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus.” (1 Co.10.31).

Servimo-nos mutuamente, como membros do mesmo corpo: ...“para que não haja divisão no corpo, mas que os membros tenham igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora, vós sois corpo de Cristo, e individualmente seus membros.” (1 Co.12.25-27).

X. PERSEVERANÇA

Perseverança significa pertinácia, teimosia, constância, firmeza. Lucas escreve que quando os apóstolos em Jerusalém receberam notícias de Antioquia enviaram para lá Barnabé “o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, se alegrou, e exortava todos a perseverarem no Senhor com firmeza de coração.” (At 11.23).

Paulo exalta a igreja de Tessalónica pela sua fé, seu amor prático, e sua firme esperança, deste modo: “lembrando-nos sem cessar da vossa obra de fé, do vosso trabalho de amor e da vossa firmeza de esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai.” (1 Ts 1.3). Assim, pois, irmãos, estai firmes e conservai as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa. (2 Ts 2:15).

E aos cristãos em Corinto aconselha: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor.” (1 Co 15:58). E mais adiante diz: “Vigiai, estai firmes na fé, portai-vos varonilmente, sede fortes.” (1 Co 16:13).

Aos da Ásia aconselhou: “Cristo libertou-nos para a liberdade; permaneçei, pois, firmes e não vos dobreis novamente a um jogo de escravidão.” (Gl 5:1). “Revesti-vos de toda a armadura de Deus para poderdes permanecer firmes contra as ciladas do Diabo; ... Portanto tomai toda a armadura de Deus para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, permanecer firmes.” (Ef 6:11,13). “Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade e vestida a couraça da justiça, e calçando os pés com a preparação do evangelho da paz, tomando, sobretudo, o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno.” (Ef 6.14-16).

Aos filipenses na Europa Paulo aconselha: “Somente portai-vos de modo digno do evangelho de Cristo para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que permaneçais firmes num só espírito, combatendo juntamente com uma só alma pela fé do evangelho.” (Fl 1:27).

Pedro aconselha a Igreja universal desta maneira: “Sede sóbrios, vigiai. O vosso adversário, o Diabo, anda em derredor, rugindo como leão e procurando a quem possa tragar; ao qual resisti firmes na fé, sabendo que os mesmos sofrimentos estão-se cumprindo entre os vossos irmãos no mundo.” (1 Pd 5:8,9). Pedro pede também aos seus leitores para se protegerem dos maus mestres e não enfraqueçam na firmeza, (2 Pd 3.17).